

# LEGITIMAÇÕES ATRAVÉS DE ESPAÇOS CULTURAIS: O CASO DE GETÚLIO VARGAS

---

Alberto Luiz de Andrade Neto (UFSC)<sup>1</sup>

## Resumo

Os museus são peças fundamentais para pensarmos suas articulações sobre discursos criados. Uma discussão sobre dois museus brasileiros durante o Estado Novo, o Museu Imperial e o Museu Histórico Nacional, ambos no Rio de Janeiro, revela a dimensão do papel que desempenharam na divulgação de uma imagem específica da figura de Getúlio Vargas. Essa figura emblemática da nossa política ficou eternizada dentro dessas instituições. A proposta do artigo é trazer à tona essas discussões acerca da legitimação identitária dentro desses espaços.

**Palavras-chave:** Museu, Getúlio Vargas, Identidade e Legitimação.

---

<sup>1</sup> Atualmente é bolsista do LaMAP (Laboratório de Memória, Acervos e Patrimônio) da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduando do curso de Bacharelado em Museologia (UFSC).

Este artigo tem o objetivo de mostrar como uma figura pública, neste caso o então presidente Getúlio Vargas, pôde fazer uso de espaços culturais, o Museu Imperial e o Museu Histórico Nacional, como meio de legitimação de uma identidade. As instituições museais foram, e ainda são, um grande palco para a criação e a promoção de uma imagem de heroísmo com relação aos considerados grandes homens da história, indivíduos diretamente associados às formas do poder. Torna-se necessário, portanto, demonstrar como esses museus aqui indicados foram incorporados como ferramentas importantes para a criação ou o fortalecimento de uma imagem emblemática de Getúlio Vargas.

### **O museu como palco: o controle e a luta**

A cultura, com todos seus aspectos e ressonâncias, envolve a construção de identidades, as quais são necessárias para a relação de aceitação e amplitude de uma figura ou indivíduo. Formar uma identidade bem recebida por um grande número de pessoas é o desejo e a meta de qualquer político, um meio sensível de ligação entre governantes e governados. Por outro lado, esse processo também pode estar voltado para a construção de identidades das classes menos favorecidas com o objetivo de legitimar diversas lutas por seus direitos. Instrumentos como o cinema, a música, livros, peças teatrais, museus, modos de fazer, manifestações culturais de forma total; todas essas produções culturais são e já foram usadas como “armas” de pressão popular, instrumentos direcionados a fortalecer, difundir e legitimar reivindicações e lutas populares. Assim, como salienta Stuart Hall em “Identidade e Diferença”:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2000, p.109).

Espaços de perpetuação e de legitimações, criadores de quebras de resistência, e elementos que facilitam e criam imagens pensadas por quem quer ser visto, e como se espera que essa imagem deva ser entendida pela população. Podemos apontar que os museus podem funcionar como meios propícios para a construção de estratégias de controle e de legitimação, ferramentas sensíveis de compreensão e “palco de tensões”<sup>2</sup> onde são expostos problemas e por onde podem ser consagrados muitos cânones.

Os museus exercem necessariamente algum tipo de discurso direcionado e, portanto, nunca são neutros. Essa “arma” é direcionada para onde o possuidor quer apontar, e como ela deve ser disparada e com quais consequências. Falo em “armas” nos sentidos antagônicos de sua episteme: ataque ou defesa. Como mostra José Ribamar Bessa Freire, em *A descoberta do museu pelos índios*:

Algumas expressivas lideranças indígenas descobriram que museus são potencialmente ‘explosivos’ e podem contribuir para recuperar a memória perdida e reconstruir destruídas formas de vida. Encantados com a descoberta decidiram, então, lutar pela criação de um museu indígena na Amazônia, capaz de exercer papel educativo e mobilizador, organizar a memória e revigorar a identidade de diferentes etnias (BESSA FREIRE, 2009, p. 217).

Os museus funcionam em um âmbito global, mas também podem ser palco para conflitos regionais, como o exemplo dado anteriormente. Através do museu, os indígenas podem se posicionar e mostrar que detêm uma identidade, fortalecendo as bases de suas lutas por terras e ampliando as possibilidades de serem ouvidos. Não falo dos museus apenas como detentores de passados instaurados no presente, mas nas forças que operam de presentes instaurados no presente. Mensagens que articulam contextos; são transformados e expressos, no agora, no tempo “já”. Como argumenta o autor português, Fernando Magalhães em – “Museus Patrimônio e Identidade”, podemos assim perceber como os governos de modo geral estavam abrindo espaços para ocupar as primeiras coleções, atribuindo-lhes um caráter público. O autor faz um histórico dos primeiros museus, começando com Alexandria do

---

<sup>2</sup> BESSA FREIRE, José Ribamar. *“Descoberta do museu pelos índios”*. In: CHAGAS e ABREU (orgs.). *Memória e Patrimônio. Ensaio Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

século III a.C. que detêm um caráter “divino”, até chegar à grande instituição da modernidade: o Louvre. Esse grande marco vem nos mostrar essa faceta do museu, “os grandes museus modernos contribuíram para celebrar a Nação e a sua glória” (MAGALHAES, 2005, p. 39). E, ainda, vemos o museu como um espaço “útil” – intrinsecamente criado e dotado da característica de utensílio,

...a partir desta altura (século XVIII – XIX), todos os Estados compreenderiam então a utilidade de ter um museu público, pois tal fato era sinônimo de progresso e da preocupação que os governos teriam com o bem-estar espiritual dos seus cidadãos (MAGALHAES, 2005, p. 41).

Além de conseguir responder a questões do presente, os museus perpetuam mensagens e confabulam com o imaginário coletivo em uma escala amplificada. Podemos dizer que os mesmos são apresentados como “caixa de verdades” (fazem deles detentores desse título), mas voltados para um direcionamento educacional específico. “As verdades estão nos museus!”, assim são os discursos articulados e pretendidos nas primeiras instituições. Desta forma, torna-se evidente a força dos espaços culturais. Em sua amplitude podem, através do discurso usado, moldar, configurar, direcionar, construir perfis e mensagens que devem ecoar para a população. Podem desempenhar um papel relevante no processo de construção da imagem de uma figura popular, representando-a como governante exemplar – como no caso de Getúlio Vargas –, ou podem ser instrumentalizados por minorias, como no caso dos indígenas citados.

### **Lugares de legitimação: Museu Imperial (RJ) e o Museu Histórico Nacional (RJ)**

A criação dos museus constitui uma tentativa de “procurar conservar [...] no Tempo e para proveito moral e material da Nação, mais do que a lembrança visual [...] e a saudade de uma comoção nacionalista” (Galvão in Ramos (1993) apud. MAGALHÕES, 2005)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Galvão, 1940, in Ramos, 1993. Extraído de: MAGALHÃES, Fernando. *Museus, patrimônio e identidade*. Porto/Portugal: Predileções, Ltda., 2005.

Os museus conseguem, a partir de seu discurso, ultrapassar as noções de lembranças visuais e um saudosismo nacionalista. Possuem a capacidade de estruturar visões de mundo, contribuindo para criar imaginários. Essa capacidade não está relacionada apenas a uma noção anterior de museus enciclopédicos, mas também aos “museus como produtores de verdades”. Durante o Estado Novo, o então presidente Getúlio Vargas, consciente do potencial representado pelos museus, passou a estabelecer uma relação importante com eles, introduzindo sua própria representação nesses espaços. Desta forma, os museus mencionados no início do artigo puderam ser utilizados no processo de difusão de uma representação de Vargas como uma figura pertencente a esse imaginário – o homem mito e, ao mesmo tempo, o mito do homem. Além disso, outros museus adotaram em suas exposições permanentes reproduções deste interesse expresso pelo governo Vargas.

A criação das primeiras instituições culturais no Brasil se inicia com a vinda de D. João VI na transferência da corte portuguesa para o Brasil. Cria-se a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional, por exemplo. Porém, é na década de 1930, durante o período Vargas, que se implantou um sistema verdadeiramente articulado em nível federal, quando novas instituições foram criadas com o fito de preservar, documentar, difundir e mesmo produzir diretamente bens culturais, transformando o governo federal no principal responsável pelo setor (BOTELHO, 2007).

Isso nos leva aos dois importantes museus que despertaram a atenção de pesquisadores como Mário Chagas e Myrian Sepulveda, interessados em discutir Getúlio Vargas como a criatura e o criador de memórias museológicas. O Museu Imperial foi criado em 1940, na casa de verão de Dom Pedro I. Com planos não concretizados, ficou a cargo de Dom Pedro II realizar o desejo do pai e, em 1865, o palacete neoclássico ganhava forma. Aos destinos da vida, o palacete ganhará espaço como colégio e, com o decorrer do tempo, por vontade de Alcindo de Azevedo Sodré, terminou transformado em museu. Vargas criou em 1940, pelo Decreto-Lei nº 2.096, o Museu Imperial.

O MI foi criado, em 1940, durante o período estadonovista, com o apoio direto de Getúlio Vargas. Segundo relato de seu ex-diretor, Lourenço Lacombe, o ex-presidente costumava veranejar sempre em Petrópolis (RJ) e passear pela cidade. Num desses dias, ele entrou no Museu Histórico de Petrópolis e foi recebido pelo diretor, Alcindo Sodré, que o acompanhou na continuação do passeio, sugerindo-lhe a ideia de criar o Museu do Império. A ideia foi bem recebida e concretizada, a partir da liderança do próprio Alcindo Sodré, que dirigiu a instituição até 1952 (SANTOS, 2003, p.120).

Em pleno Estado Novo, parecia relevante investir na criação de um lugar de exaltação da nação por meio da história de um império próspero e visionário. Tendo este meio para criar um imaginário lúdico de uma nação que estava em pleno progresso, o Museu Imperial deveria, portanto, promover este discurso. Como diz Hall, as identidades se constroem no discurso, são geradas a partir deles. Logo, Vargas incorporou o discurso da nação de reis, rainhas, príncipes... Um discurso da centralização nacional. Esta é a imagem que Vargas criou para esse espaço. O território brasileiro sendo único, não existiria sentido a divisão em Estados. Assim, adotando uma única estrutura, sem se apoiar ao regional, e se firmando em bases nacionalistas. O Brasil nobre, de grandes homens em sua história. O saudosismo imagético dentro das salas expositivas ganha força dentro do imaginário do público. Como mostra Simon Schwartzman (1984), a ambição dos modernistas não estava sendo construída, mas, por outro lado, os aspectos mais elitistas se fundavam no discurso que estava em processo construtivo constante.

Na política cultural do Estado Novo, no entanto, preponderou o autoritarismo, a construção da base mítica do Estado forte que se tratava de construir, ficando em segundo plano a busca de raízes mais populares, aspecto que caracterizava a preocupação dos modernistas (SCHWARTZMAN, 1984, p.\_\_\_\_).

Considerando a relevância alcançada pelas estratégias assumidas no Governo Vargas para a promoção da imagem da grandeza nacional, o museu podia oferecer um palco aberto, constituindo uma ferramenta eficaz na formação de um imaginário a respeito de um governo que seguia os mesmos ideais e a mesma grandeza que se firmaram anteriormente no comando da

nação brasileira. O museu foi direcionado como uma “lança” para construir imagens do então governo que estaria consolidando ou a falha tentativa do “resgate” de memórias importantes de outrora. Getúlio Vargas atuou como criador, neste caso, também de sua própria imagem, desenvolvendo a construção de um discurso sobre si mesmo, ao mesmo tempo em que construía ou se apropriava de representações da história brasileira do período imperial. No caso do Museu Imperial, a imagem de Getúlio Vargas não aparece em suas salas, mas ela está presente no histórico da criação da instituição. O palacete de Petrópolis é uma estratégia para constituir um canal da grandeza do Império, a qual foi retomada no Estado Novo.

O Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, foi formado a partir do ano de 1922, tendo seus primeiros usos como o Forte de São Tiago da Misericórdia (1603), a Prisão do Calabouço (1693), a Casa do Trem (1762), o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro (1764) e o Quartel (1835). Só então, para ocupar a “Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil”, na década de 1920, os prédios foram transformados e ganharam características arquitetônicas neocoloniais. Após o encerramento da grande exposição internacional, o pavilhão mais visitado ganhou caráter público, contando com mais duas galerias – a instituição, por intenção de Eptácio Pessoa, foi transformada em espaço para a “História do Brasil”.

As responsabilidades da administração e a organização da instituição museológica ficaram a cargo de Gustavo Barroso que trabalhou no sentido de construir uma história mítica do Brasil. Usando os símbolos nacionais para enaltecer o governo em questão, o Estado Novo ganhou uma imagem na construção museográfica feita por Barroso. Conseqüentemente, Getúlio Vargas fazia parte disso, além de apoiar as atitudes feitas pelo “arrumador de museus” (como Barroso também ficou vulgarmente conhecido) – Vargas flanava pelos corredores e salas do Museu Histórico Nacional. A exaltação do passado é a marca fundamental para entendermos a organização dessa instituição. Os espaços do Museu Histórico Nacional funcionam como uma linha do tempo da política brasileira, contendo exaltações à história Imperial até os dias de Estado Novo – traçando a “biografia da nação”, como mostra Myrian Sepúlveda.

O que deveria existir dentro de um “templo” da exaltação do nacional? Claro, feitos que consolidaram o Brasil. Diferente do Museu Imperial, cuja temática estava focada na família Imperial e todo seu contexto nobre, o Museu Histórico Nacional contaria a “História do Brasil” em linhas gerais. Não só pelo viés da família de “Dons”, mas por outros nomes que mereciam também destaque no texto dessa grande compilação historicista. Agora o Brasil republicano ganha espaço em uma instituição museológica, a história política da nação cabe dentro das salas do antigo forte de São Tiago da Misericórdia.

Os museus sendo “museu-memória”, como assinalou Myrian Sepulveda, são capazes de criar a “reconstrução integral”. Logo, ambos os exemplos mostram o caráter anacrônico para a invenção do discurso museológico, acarretando a exaltação do Estado Novo. Getúlio Vargas estava intrinsecamente vinculado a essa produção de memórias “íntegras”.

### **A criação de um mito**

Como vimos nas linhas anteriores, tanto o Museu de Petrópolis quanto o Museu Histórico Nacional contribuíram de forma intensa na construção e difusão de uma representação de Vargas como um governante que liderava a nação em um período de grandeza também histórica, expressa ainda pelo processo de projeção e formação de uma “cultura” brasileira. Uma constante de tentativas de enquadramento de ações para que o padrão elitista/militar fosse valorizado e respeitado pelos cidadãos brasileiros.

Todos os discursos museais foram milimetricamente direcionados tanto para o abarcamento de um passado nobre para o Brasil quanto para que as atuais iniciativas fossem cristalizadas dentro das salas expositivas – logo, todas essas formações identitárias favoreceram o Estado Novo e acarretaram a criação de um mito. Parte da popularidade de Getúlio Vargas fora criada a partir dos espaços museológicos que evidenciaram o caráter heroico do baixinho gaúcho. Textos, imagens, objetos, espaços expositivos... Recursos criadores do mito. Não só a própria imagem na primeira pessoa, não só as associações com a figura de Getúlio, mas todas as imagens que foram criadas a partir das ações feitas por ele dentro dessas instituições.

A pesquisadora da área museológica Tereza Cristina Scheiner (2008) apresentou um diálogo muito importante para o entendimento de Vargas nessa imensidão e multiplicação discursiva em instituições museais. Em “O museu, a palavra, o retrato e o mito”<sup>4</sup>, a autora faz um relato das perspectivas míticas da fundação dos museus e seu caráter mitológico acerca das musas. Ao incorporar os estudos de Joseph Campbell<sup>5</sup>, ela cita: “Eu penso na mitologia como a pátria das Musas”. Assim, o museu seria o formador desses mitos – das figuras mitológicas, as quais perpassam o tempo.

Para que as propostas ganhem compreensão e os mitos sejam construídos, as evidências materiais devem fazer a ponte entre o visível e o invisível (POMIAN, 1984, p. 51-86). Os objetos nos remetem a uma noção de “prova real” de acontecimentos. Como não pensar nas coroas e carruagens reais, com detalhes de aplicações de folhas de ouro, que estão dispostas nas salas do Museu Imperial? Uma evidência legítima que potencializa o imaginário do indivíduo. Há todo o discurso construído dentro da proposta museológica. Vargas é remetido aos mitos fundantes da nação nobre. Pontes entre materialidades e memórias forçadas. O museu ao mesmo tempo forma o discurso mítico e, assim, pode criar também o personagem mitológico. Nesse sentido, Scheiner alerta para a dimensão que as narrações possuem e como são articuladas:

É importante, então, entender o papel do museu ao reforçar o mito. Ele assim o faz para justificar-se enquanto agência de produção cultural, e ao mesmo tempo assegurar sua hegemonia no trato dos patrimônios. E também para atestar a importância de seu papel enquanto instituição de memória. É o que fica claro ao conhecermos os “espaços de memória” dos próprios museus – como as galerias de fundadores, os gabinetes de cientistas, espaços míticos onde se rememora continuamente o começo de todas as coisas em cada um daqueles microcosmos específicos. É como se a gênese de cada museu ficasse justificada por esse trabalho de memória [...]. Tudo já nos parece possível, já que no espaço do mito podemos acreditar que exista certo lugar da mente “onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o

<sup>4</sup>SCHEINER, T. C. M. O Museu, o retrato, a palavra e o mito. *Museologia e Patrimônio*, v. 1, p. 57-73, 2008.

<sup>5</sup>CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Trad. de Heloysa Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1993.

incomunicável, o alto e o baixo deixem de ser percebidos como contradições" (BRETON [1930] 1969 apud SCHEINER, 2008, P. 69).

Assim, torna-se relevante, nessa discussão, uma comparação da figura de Getúlio Vargas, ou o ser mitológico, com outra figura emblemática da memória coletiva da Argentina; Juan Domingo Perón. Perón, como Vargas, também fez diálogos com instrumentos culturais para articular ligações com a população – a relação com o rádio e as radionovelas, com a música, os programas de auditório... Até mesmo para difundir suas ideias e proibir o que não seria válido para a nação. Assim, os museus também eternizaram as imagens de Perón (HAUSSEN, 2001), tanto em vida quanto nos milhares de trabalhos expográficos pela Argentina. Não podemos descartar est[se caráter de cenário que prolonga as resistências da "aura" de políticos que as instituições museológicas possuem. Logo, as narrações de centenas de museus da Argentina e do Brasil configuram essas imagens políticas. Os Museus Históricos Nacionais de ambos os países evidenciaram e continuam a ecoar essas imagens míticas.

Portanto, o caráter mitológico e fundante de mitos feitos por instituições museais são fundamentais para refletirmos sobre a dimensão alcançada pela popularidade de Getúlio Vargas e de muitas outras figuras políticas. Os museus em sua amplitude são meios para confeccionar e expressar discursos. Contudo, voltando ao nosso eixo de estrutura, Stuart Hall diz que são os discursos que criam as identidades; assim, os museus são lugares desses meios discursivos. As apropriações desses espaços são importantes para pensarmos a legitimação de discursos e a reverberação de identidades.

## Referências bibliográficas

- BESSA FREIRE, José Ribamar. Descoberta do museu pelos índios. In: CHAGAS e ABREU (orgs.). **Memória e Patrimônio. Ensaios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- BOTELHO, I. A política cultural e o plano das ideias. In: RUBIM, A. A. & BARBALHO. (Org.). **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. Trad. de Heloysa Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1993.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva. Tomaz Tadeu da Silva (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estados Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HAUSSEN, D. F. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. Publicação 2ª. ed. rev. e ampl. - Porto Alegre (RS): EDIPUCRS, 2001.
- MAGALHÃES, Fernando. **Museus, patrimônio e identidade**. Porto/Portugal: Predileções, Ltda. 2005.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- SANTOS, Myrian Sepulveda dos. Museu Imperial: a Construção do Império pela República. In: Regina Abreu; Mario Chagas. (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: DPA Editora, 2003.
- SANTOS, Myrian Sepulveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/IPHAN/DEMU, 2006.
- SCHEINER, T. C. M. O Museu, o retrato, a palavra e o mito. **Museologia e Patrimônio**, v. 1, 2008, p. 57-73.
- SCHWARTZMAN, Simon. et al. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

## Sites

[www.museus.gov.br/](http://www.museus.gov.br/) (Site Instituto Brasileiro de Museus).

[www.museuhistoriconacional.com.br/](http://www.museuhistoriconacional.com.br/) (Site Museu Histórico Nacional).

[www.museuimperial.gov.br/](http://www.museuimperial.gov.br/) (Site Museu Imperial).

[www.unirio.br/cch/ppg-pmus/inicio.htm](http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/inicio.htm) (Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS).

<http://prpg.usp.br/museus.cpg//paginas/mostrar/2709> (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia).

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/> (Revista Museologia e Patrimônio).

[www.youtube.com/user/tvmuseus?feature=watch](http://www.youtube.com/user/tvmuseus?feature=watch) (Canal TV Museus).